

MARIA CRISTINA FURTADO

Pretinho, meu boneco querido

Ilustrações de ELLEN PESTILI



Acompanha CD
com músicas



EDITORA do BRASIL

Pretinho,
meu
boneco
querido



No Rio de Janeiro, em uma casa próxima à praia, no bairro Recreio dos Bandeirantes, mora uma menina chamada Nininha.

Nininha tem 8 anos e possui muitos amigos, fora e dentro de casa. Quando digo fora, quero dizer a meninada da rua e da escola. Dentro de casa, como sua irmã é muito mais velha, os seus amigos são os bonecos que enfeitam o seu quartinho.

Na casa também tem um cachorro, o Hulk, chamado de “cão de guarda”. Mas, como é muito feroz, com ele a menina não pode brincar.

Conheci Nininha no dia em que fui visitar sua mãe, uma amiga de longa data que eu não via há muitos anos. Quando cheguei, ela estava no pátio, e não consigo esquecer sua alegria brincando com um gracioso boneco que tinha em seu colo.

*Nininha,
criança esperta e dengosa.
Com vigor ao vento brinca
e balança as trancinhas,
na negritude do amor.
Feliz, sorri a Pretinho,
seu boneco querido,
que com todo carinho,
agora chama Carlinhos.*

Nossos olhares se cruzaram e logo percebi que ainda naquele dia nos tornaríamos boas amigas. Eu estava certa, Nininha também gostou de mim e por isso não sossegou enquanto eu não conheci o seu quartinho.

Vocês precisavam ver que gracinha! Na entrada, expostos em cima da prateleira, havia uma linda coleção de bonecos. Todos arrumadinhos, de mãozinhas dadas, dando enorme beleza ao lugar! É claro que elogiei... Foi quando ela me disse:

— Não são lindos? Veja o sorriso que eles têm!



Realmente, aqueles bonecos tinham uma expressão diferente de todos os bonecos que eu já havia visto. Pareciam ser gente de verdade, e demonstravam um certo ar de orgulho. Comentei isso com Nininha e ela me olhou desconfiada. Quando falei dos bonecos que tive quando criança, ela me perguntou:

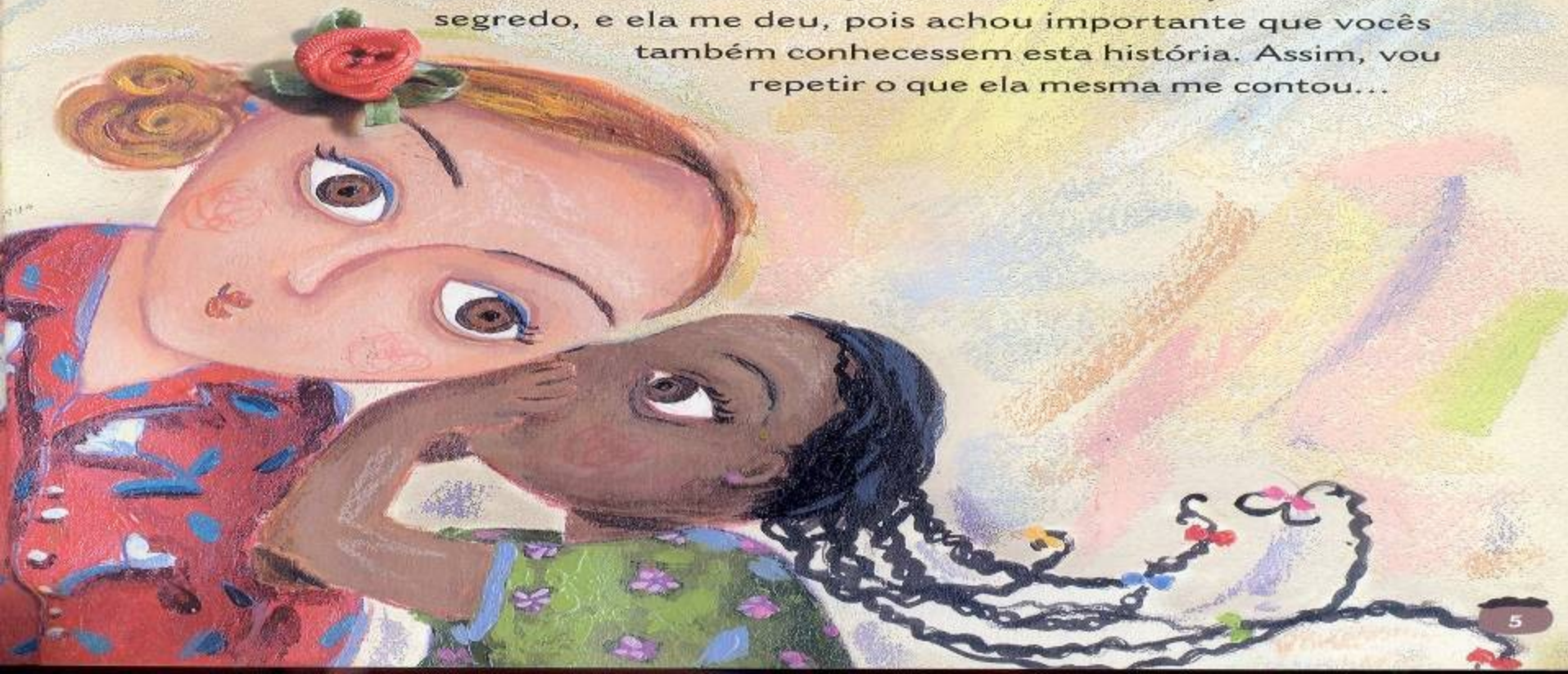
— Se eu contar um segredo, você promete não revelar a ninguém?

— Prometo — respondi, bastante curiosa.

— Eles não são iguais aos outros bonecos, pois confiam em mim. São meus amigos, brincam e falam comigo. Mas... esse ar de orgulho que você pode perceber, nem sempre foi assim.

Olhou para ver se chegava alguém e, como estávamos realmente sozinhas, me contou o seu segredo, que agora é nosso, e que quando vocês conhecerem será também de vocês.

Ah! Quero que saibam que pedi permissão à Nininha para revelar o segredo, e ela me deu, pois achou importante que vocês também conhecessem esta história. Assim, vou repetir o que ela mesma me contou...



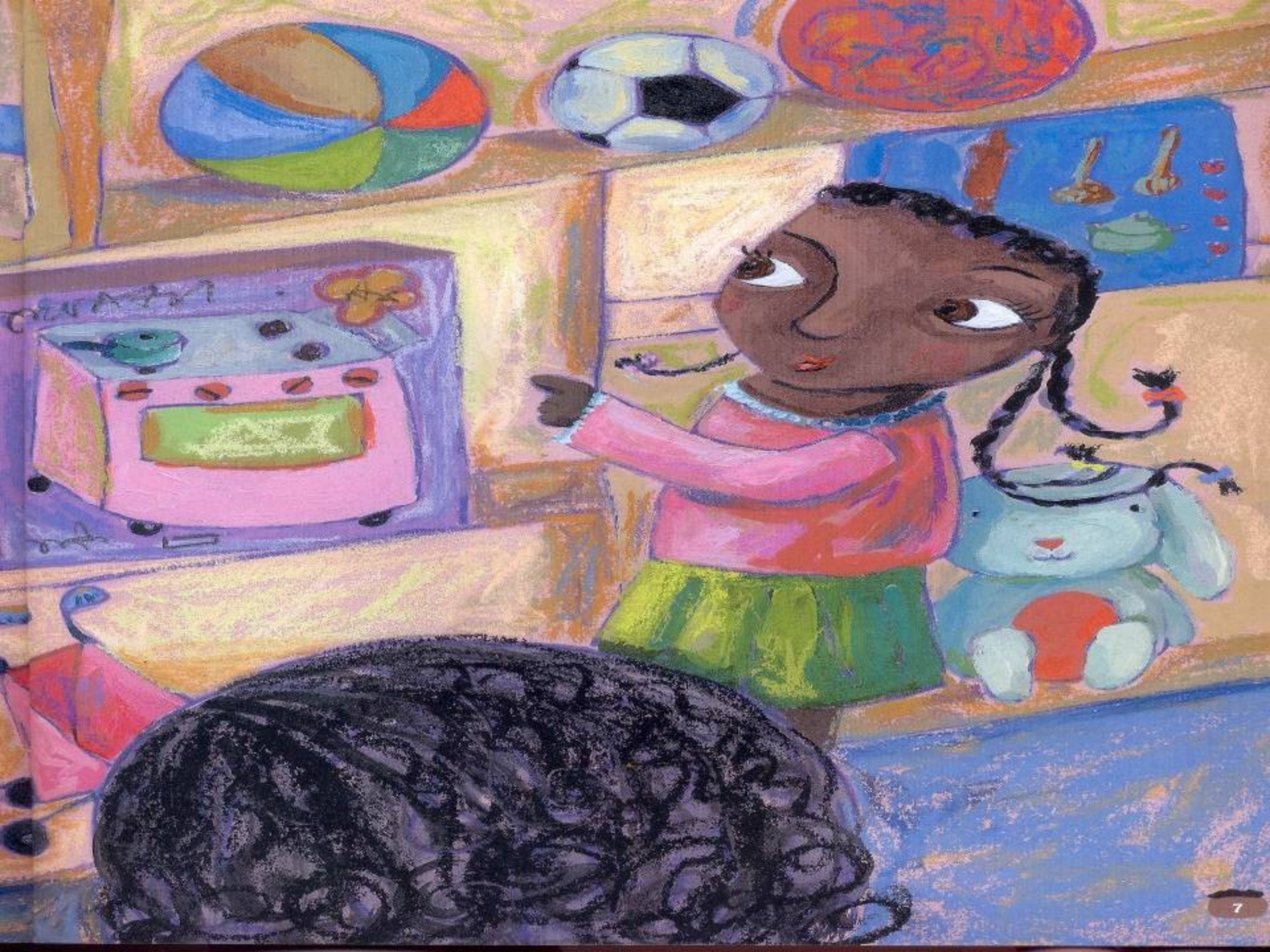


A história começa no aniversário de 8 anos de Nininha. Sua mãe a leva a uma loja de brinquedos para escolher um presente e, enquanto procura, a menina vê em uma das estantes um boneco negro como ela, lindo! Ele tem um olhar tão penetrante que parece estar pedindo para ser escolhido. Um olhar de quem precisa de muito amor. Encantada, Nininha decide que este será o seu presente!

Logo ao chegar em casa, Nininha revela o seu segredo. O boneco, feliz com a nova amiga, trata logo de se apresentar:

— Meu nome é Carlos, mas pode me chamar de Pretinho, como todos fazem.

Carlos passa a ser Pretinho, e ela, toda contente, o apresenta aos outros, colocando-o na prateleira do quarto.





Nininha e Pretinho tornam-se grandes amigos! Sempre que pode, a menina está ao lado do boneco. Leva-o para andar de bicicleta, para brincar no pátio e só não o carrega para a escola porque sua mãe não permite. No entanto, sem entender o porquê, constantemente se surpreende quando procura por Pretinho e o encontra escondido dentro do seu armário. Ela briga com o boneco, faz com que saia de lá e volte ao seu lugar na prateleira. Isso acontece por um bom tempo até que...

Todos os dias, Nininha vai para a escola de manhã e a arrumadeira limpa com cuidado o seu quartinho, dando atenção especial aos bonecos. Assim que termina e deixa o quarto, os bonecos adquirem vida, começando a brincar. Aliás, deveriam só brincar, mas eles também implicam, discutem e até brigam...

Um belo dia, alguns bonecos jogam bola, outros andam de bicicleta... e uma confusão começa quando Pretinho pega um carrinho e o boneco Malandrinho tira o brinquedo dele, dizendo:

— Sai, Pretinho, você vai deixar tinta preta no carrinho e quando eu for brincar vou me sujar.

O ursinho Malaquias aproveita a ocasião e também implica com Pretinho:

— Vai jogar bola, Pretinho. Não aborrece!

Pretinho, irritado, responde aos dois:

— Eu quero andar de carrinho!

O boneco Malandrinho reage:

— Vê se entende, boneco, aqui só entra boneco branco — e dá um empurrão em Pretinho.

Os bonecos riem...

Pretinho está muito zangado, joga uma bola em cima do carrinho e provoca uma grande confusão. Em seguida, vai até o armário de Nininha e se fecha lá dentro. Os bonecos tornam a rir e voltam a brincar como se nada tivesse acontecido.

De repente, escutam um barulho no corredor e um dos bonecos avisa que está vindo alguém. Todos correm para os seus lugares e, em seguida, entram no quarto Nininha e sua mãe.



— Está vendo, mãe, o quarto está arrumadinho!

— Muito bem — e olhando ao redor completa —, pode ir ao cinema. Nisso a mãe percebe a ausência de Pretinho e pergunta:

— Ué... Onde está o Pretinho?

A menina, rapidamente, olha por todo o quarto e afirma:

— No armário. Ele sempre se mete no armário.

A mãe ri e pensa: “Até parece que o boneco andou sozinho para lá.”

Nininha espera sua mãe sair, abre a porta do armário e diz, zangada:

— Outra vez, Pretinho! — pega o boneco pela orelha e leva-o para a prateleira. — Você está sempre no lugar errado. Aqui é o lugar da roupa, boneco bonito como você fica na prateleira! Não teima!





Feliz, Nininha vai ao cinema. Quando volta já é noite e, obedecendo às ordens de sua mãe, vai para a cama cedo.

Deita, faz uma oração e apaga a luz, dormindo em seguida. Porém, mais tarde, acorda com um barulho. Fica assustada! "Ai, meu Deus, será um ladrão?", a menina pensa. O barulho aumenta, parece ser um chorinho. Não, não é ladrão. Ladrão não chora... Já sei, é fantasma. É alma do outro mundo.

Nininha esconde o rostinho debaixo do lençol, mas toma coragem e, devagar, acende o abajur. Está tremendo de medo! Abre os olhos, procura ver todo o quarto e observa os bonecos. "Está faltando um. Quem será?", pensa após um tempinho. Cheia de sono, não consegue raciocinar direito. Esfrega os olhos procurando ver melhor. Sai da cama e, ao abrir o armário, enxerga uns dentes branquinhos e um pé de sapato. Dá um grande pulo e corre gritando:

— Ah! É um fantasma! — e se esconde embaixo das cobertas, quando ouve uma voz:

— Nininha, sou eu.

A menina tira as cobertas do rosto e olha, devagarzinho...

— Pretinho! Pretinho!

— Oi! Sou eu mesmo — o boneco responde.

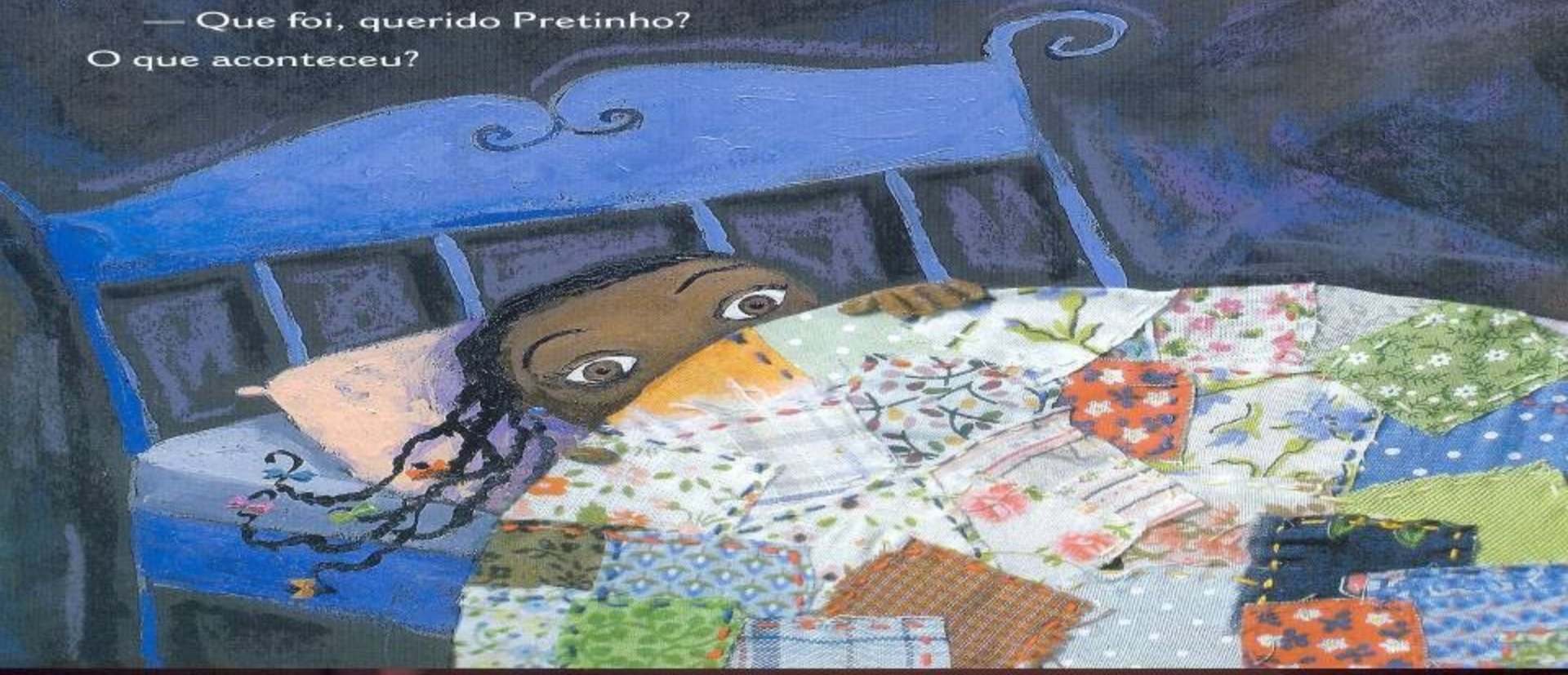
Nininha joga as cobertas para o lado, levanta, e vai até o armário, brigando com o boneco.

— Outra vez, Pretinho, que mania! Eu deveria ter adivinhado que era você no armário.

O boneco volta a chorar, agora mais alto. Nininha muda o tom da voz e passando a mão em sua cabeça, com carinho, pergunta:

— Que foi, querido Pretinho?

O que aconteceu?



— Eu... Eu... Eu quero ser branco.

A menina se assusta com as palavras do boneco e pergunta:

— O que você falou?

— Eu não quero mais ser preto. Os outros bonecos caçoam de mim.

— Caçoam de você?

— Sim. Não gostam de mim porque sou negro.

— Ora... — reage Nininha — não diga uma coisa dessas. Você é negro como eu.

— Eu sei, mas isso não adianta nada. Na sua frente, todos ficam bem quietinhos, mas quando você vira as costas, eles debocham de mim, me empurram e me batem. Qualquer coisa que eu faça, logo dizem: “Tinha que ser o boneco preto.”

— Que horror! Maltratar alguém pela sua cor ou raça chama-se discriminação. Ainda há quem haja assim? Meus pais sempre dizem que discriminar uma pessoa é crime. Eu não posso acreditar que seus amigos e... meus amigos façam isso com você.

— Amigos? Eu só tenho duas amigas: você e a Boneca de Pano.

A menina olha para os bonecos, que dormem como anjinhos, e diz:

— Então é por isso que você vive se escondendo no armário!

Ainda entre soluços, o boneco responde:

— É isso mesmo.





— Pretinho, meu querido, você não sabe o quanto estou triste. Eu não entendo... Meu pai me ensinou que nós, afrodescendentes, somos muito importantes, pois a cultura africana está dentro de cada brasileiro. Está presente na música, na religião, nos alimentos, na formação dos hábitos, costumes, crenças... Além disso... — e começa a cantar baixinho uma canção que desde bem pequenina aprendeu com o pai.

*Branco, preto e amarelo,
todas as cores são iguais.
Vermelho, azul e violeta,
nenhuma é a melhor!
Quando vamos desenhar e colorir,
todas são muito importantes.
Primeiro o preto pra fazer o desenho,
depois vêm as demais.
Quando o Grande Criador fez o Universo...
Não esqueceu de nenhuma.
Todas na importância são iguais.
Nenhuma é a melhor!*





Quando termina a canção, Nininha acha que conseguiu consolar Pretinho, mas ele logo repete:

— Você pode me pintar de branco?

Muito aborrecida com a proposta de Pretinho, ela reage:

— Essa não! Eu não acredito no que estou ouvindo. Eu tenho orgulho de ser negra e você também deve ter esse orgulho! Nós somos iguais. Eu gosto de você como você é, e não se fala mais no assunto.

Nininha vai para a cama, mas no caminho se arrepende de ter brigado tanto com Pretinho. Volta e pega o boneco, levando-o delicadamente com ela. Apaga o abajur, mas logo torna a acender, pois tem a nítida impressão de ter visto algum boneco passar correndo e cochichar com um outro. Acende a luz, não vê nada diferente. Tudo está calmo, tranquilo. Todos parecem dormir.

No dia seguinte, ao sair para a escola, Nininha deixa Pretinho dormindo em sua cama. Como sempre, depois que a arrumadeira limpa o quarto, todos assumem vida. Pretinho e a Boneca de Pano brincam quietos em um canto, enquanto o ursinho Malaquias, o boneco Malandrinho e a boneca Fafá conversam baixinho no outro lado do quarto.

— Está bem... Eu seguro por aqui — diz o Ursinho.

— Eu chamo por ele — fala a boneca Fafá.

— Eh! Eh! Ih! Ih! — os três riem, cochicham e cantam:

*Vai ser ótimo!
Ótimo vai ser!
Vou zombar de Pretinho,
ver sua cara de bobo,
mais boba ficar.
Pretinho,
não tem como escapar,
o medo vai inundar o seu coração.
Assim não mais incomodará,
e Nininha conosco vai brincar.*





— Vamos logo, mãos à obra... — diz Malandrinho, já saindo disfarçadamente do quarto e pegando um balde com água. Depois, os três começam a olhar dentro do balde e a dar risada. A boneca Fafá, conforme o combinado, chama por Pretinho.

Pretinho olha desconfiado. A Boneca de Pano cutuca o amigo e o aconselha a não responder. O boneco, porém, que sempre achou a boneca Fafá linda e desejou brincar com ela, abre um grande sorriso e pergunta:

— O que é, Fafá?

— Você quer brincar conosco, Pretinho? — diz Fafá, com todo o seu charme de boneca de louça rica e muito dengosa:

— Posso? Posso mesmo? — pergunta Pretinho, nervoso, mas ao mesmo tempo animado.

O ursinho Malaquias aproxima-se:

— Claro...

A Boneca de Pano, olhando a cena, pensa: “Ai, meu Deus! O que será que eles pretendem?”.

— De que vocês estão brincando? — Pretinho pergunta.

— De espelho... — responde Malaquias.

— Vem brincar conosco — diz a boneca Fafá.

Pretinho aproxima-se e a boneca coloca o balde na frente dele.

O ursinho explica:

— Abaixе a cabeça, próximo à água. Você verá o seu reflexo como se estivesse diante de um espelho.

Pretinho, mais do que depressa, abaixa a cabeça, conseguindo se enxergar na água.

— Que legal! Sou eu mesmo?

— Claro que é, bobo. Aproxime-se um pouco mais e verá algo muito engraçado.

Pretinho abaixa mais a cabeça.

— Mais um pouco... — diz o ursinho.

Então, o boneco Malandrinho corre por trás e força a cabeça de Pretinho no balde, dando-lhe um grande caldo. Ao retirá-lo da água, os três correm para olhar o rosto do boneco e exclamam:

— Ué!!! Você continua preto!

Apesar de estar zonzо, o boneco procura reagir e empurra Malandrinho, mas o ursinho Malaquias segura Pretinho, covardemente, impedindo qualquer reação, enquanto manda Fafá pegar o sabão.

A Boneca de Pano, aflita, grita e corre para ajudá-lo.

— Larguem ele. Por que vocês estão fazendo isso? Deixem ele em paz, covardes!





Fafá imediatamente empurra a Boneca de Pano, enquanto Malaquias coloca o pé na frente para que ela perca o equilíbrio e caia no chão. Malandrinho, então, avisa:

— Não se meta, caso contrário também vamos colocar você na água! E boneca de pano na água...

Preso, sem poder se mexer, Pretinho leva vários caldos. Depois, passam sabão em seu corpinho e metem sua cabeça novamente na água.

— Não tem jeito, essa tinta não sai — diz Malandrinho.

— Eu tenho uma ideia — fala o ursinho.

— Qual é? — pergunta Fafá.

— Vamos pintá-lo todinho — responde o ursinho.

— Deixa comigo — diz Malandrinho, pegando três latas de tinta do armário, verde, branco e amarelo. — São as cores da nossa bandeira.

— Que beleza! — debocha a boneca Fafá. — Você terá várias cores.

— Ficaré lindíssimo! — exclama Malaquias.

Pretinho grita enquanto procura se soltar.

— Deixem-me em paz, seus covardes! Lutem comigo frente a frente. Um de cada vez.



— Você não desejava ficar branco? Agora é a oportunidade — fala Malandrinho.

— É... Você faz drama só pra dormir com Nininha — continua Fafá.

— Eu quero ver se ela vai continuar gostando de você quando o vir de várias cores — completa o ursinho Malaquias.

— Então é isso, vocês ouviram minha conversa com Nininha e estão com ciúmes.

— Ciúmes? Que nada! — diz Malandrinho. — Eu vou ter ciúmes de um boneco preto e feio?

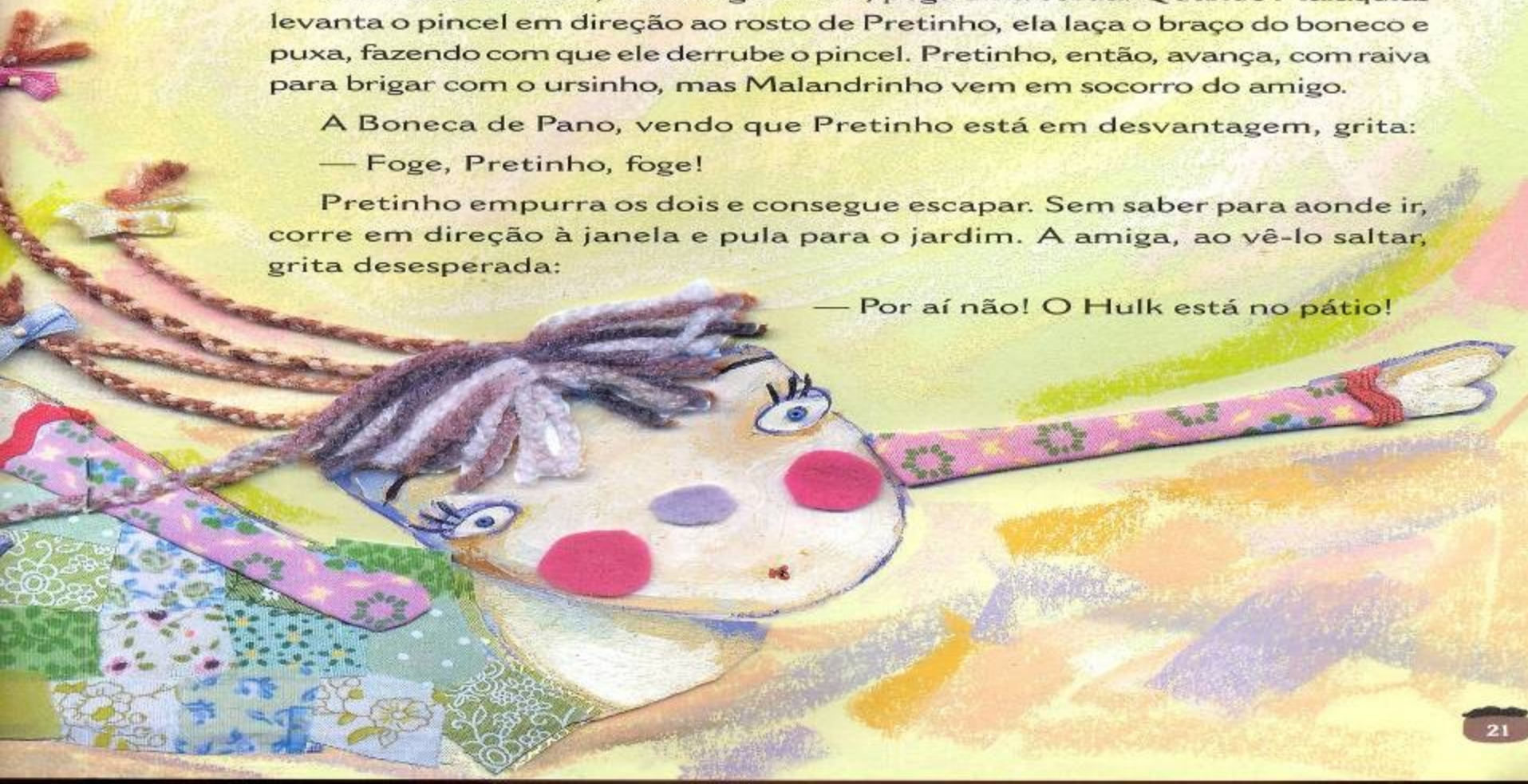
A Boneca de Pano, sem ninguém ver, pega uma corda. Quando Malaquias levanta o pincel em direção ao rosto de Pretinho, ela laça o braço do boneco e puxa, fazendo com que ele derrube o pincel. Pretinho, então, avança, com raiva para brigar com o ursinho, mas Malandrinho vem em socorro do amigo.

A Boneca de Pano, vendo que Pretinho está em desvantagem, grita:

— Foge, Pretinho, foge!

Pretinho empurra os dois e consegue escapar. Sem saber para aonde ir, corre em direção à janela e pula para o jardim. A amiga, ao vê-lo saltar, grita desesperada:

— Por aí não! O Hulk está no pátio!



Tarde demais. Pretinho já pulou. Quando a Boneca de Pano escuta o barulho do boneco caindo no chão, também ouve os latidos do cachorro.

— É o Hulk! — a boneca diz, assustada.

Todos imediatamente levam as mãozinhas à cabeça:

— Meu Deus!

Os bonecos ficam paralisados. Os latidos estão cada vez mais fortes, enraivecidos, e tornam-se infernais. De repente, um grande silêncio...

Apavorados, emudecidos, os quatro bonecos sobem na janela para ver o que aconteceu.

— Ah, não! — diz o ursinho.

— Que horror! — exclama Malandrinho.

— O que nós fizemos! — completa Fafá, aflita.





A Boneca de Pano chora e diz:

— Pobre do meu amiguinho!

Neste exato momento, ouve-se a voz de Nininha. Ela veio mais cedo da escola e, toda contente, procura por Pretinho.

— Pretinho... Pretinho... — a menina pergunta quando entra no quarto.
— Cadê o Pretinho? Tenho uma surpresa para ele! Aliás, para todos vocês!

Os bonecos estão mudos, paralisados, assustadíssimos.

— Pretinho... Pretinho...

Nininha vai até o armário e abre a porta dizendo:

— Sai logo daí, Pretinho! Vem cá. Garanto que você nunca mais voltará a se esconder neste armário.

Quando percebe que o boneco não está no armário, começa a procurá-lo em diversos lugares. Os bonecos continuam estáticos. Nininha estranha o comportamento deles e desconfia que algo está errado. Volta a procurar e a chamar por Pretinho. Como não obtém resposta, dirige-se aos bonecos:

— Cadê o Pretinho?



Silêncio total. Ninguém diz uma palavra e Nininha se apavora:

- Onde está o meu boneco? Cadê o Carlos? Cadê o meu Pretinho?
- e o silêncio continua.

Nininha procura acalmar-se e fala especialmente com a Boneca de Pano:

- Boneca, vocês sempre foram amigos. Diga-me o que está acontecendo.

A boneca abaixa a cabeça e as lágrimas correm de seus olhos, molhando e manchando o seu rostinho de pano. Depois de muito gaguejar, consegue dizer:

- O Hulk.
- O que o Hulk tem a ver com o Pretinho, boneca?

Com muito custo, ela completa:

- O Hulk... O Hulk comeu o Pretinho.

Sem querer acreditar, Nininha pergunta em um fiozinho de voz:

— O quê?

A boneca, entre lágrimas, conta o que aconteceu. Nininha ouve tudo calada, sem mexer um pedacinho do corpo. Só no final é que dá um grito:

— Nããããão! — e sai correndo. — Manhêêêêê...

Nininha e sua mãe procuram o boneco em todos os lugares. Por fim vão até o canil e, para tristeza geral, encontram um pedacinho da roupa de Pretinho no chão. Nininha chora desesperadamente.

Do quarto, pela janela, os bonecos assistem escondidos e também choram. Depois de algum tempo, Nininha retorna ao quarto.

— Eu nem sei o que dizer...

Os bonecos abaixam a cabeça.

— Como puderam! Uma das piores coisas que pode existir é a ignorância. E só a total ignorância pode levar alguém a gostar ou não de uma outra pessoa por ser alta, baixa, gorda, magra, branca, preta... Não há justificativa para o que fizeram.

— Eu só estava gozando com ele — resmunga o ursinho Malaquias.

— Eu gostava era de vê-lo zangado, só isso — responde Malandrinho.





— Ora... Vamos... Não inventem desculpas! Vocês desfaziam dele por ele ser negro. Para piorar, além do preconceito, vocês estavam com ciúmes porque eu dava muita atenção a ele, desde que o ganhei de presente. Será que vocês não entendem? Pretinho era novo aqui e eu precisava dar a ele mais atenção, como fiz quando vocês chegaram. Há quanto tempo estamos juntos?



*Um coração tem lugar,
para todos a quem se ama.
Quanto mais amor se tem,
quanto mais gente para amar,
maior fica um coração.
Um coração não vê, não entende,
não é razão...
Gosta muito de carinho,
adora sorrir e fazer
o outro sorrir.
Meu coração é assim,
cheinho de amor!
Meu coração é tão grande!
E tem sempre lugar
para todos
a quem eu amo.*





— Mas agora... vocês arrancaram um pedaço do meu coração. Eu queria tanto que Pretinho estivesse aqui...
— e começa a chorar desconsolada.

De repente, uma voz muito baixinha surge do nada:

— Eu estou aqui.

Todos se assustam...

— Quem falou? — pergunta Nininha.

— Não fui eu — responde o ursinho Malaquias.

— Nem eu — completa Malandrinho.

— Aqui... Na janela.

— É a voz de Pretinho — diz a Boneca de Pano.

— Ai!... Ele voltou pra nos pegar — exclama apavorada a boneca Fafá.



Todos assustados, mas curiosos, dirigem-se cautelosamente para a janela e encontram Pretinho pendurado nela.

— Socorro! Eu não consigo subir sozinho.

— Nossa! É mesmo o Pretinho!

Malandrinho, rapidamente, dá a mão a Pretinho, colocando-o para dentro do quarto.

— É você mesmo? — pergunta Malandrinho.

— Claro que sou.

— Nós pensamos... — diz a Boneca de Pano.

— Bem... Nós pensamos que você... — procura completar a frase o ursinho.

— Eu vi o Hulk com um pedaço da sua roupa na boca — diz Nininha.

— Era a minha roupa, mas ele só conseguiu morder as minhas calças, vejam — Pretinho vira de costas e mostra as calças faltando um pedaço.

— Eu subi numa árvore e fiquei escondido. Quando você me chamou, Nininha, eu pensei em aparecer, mas como sua mãe estava junto, eu não podia chegar na frente dela andando como se fosse gente.

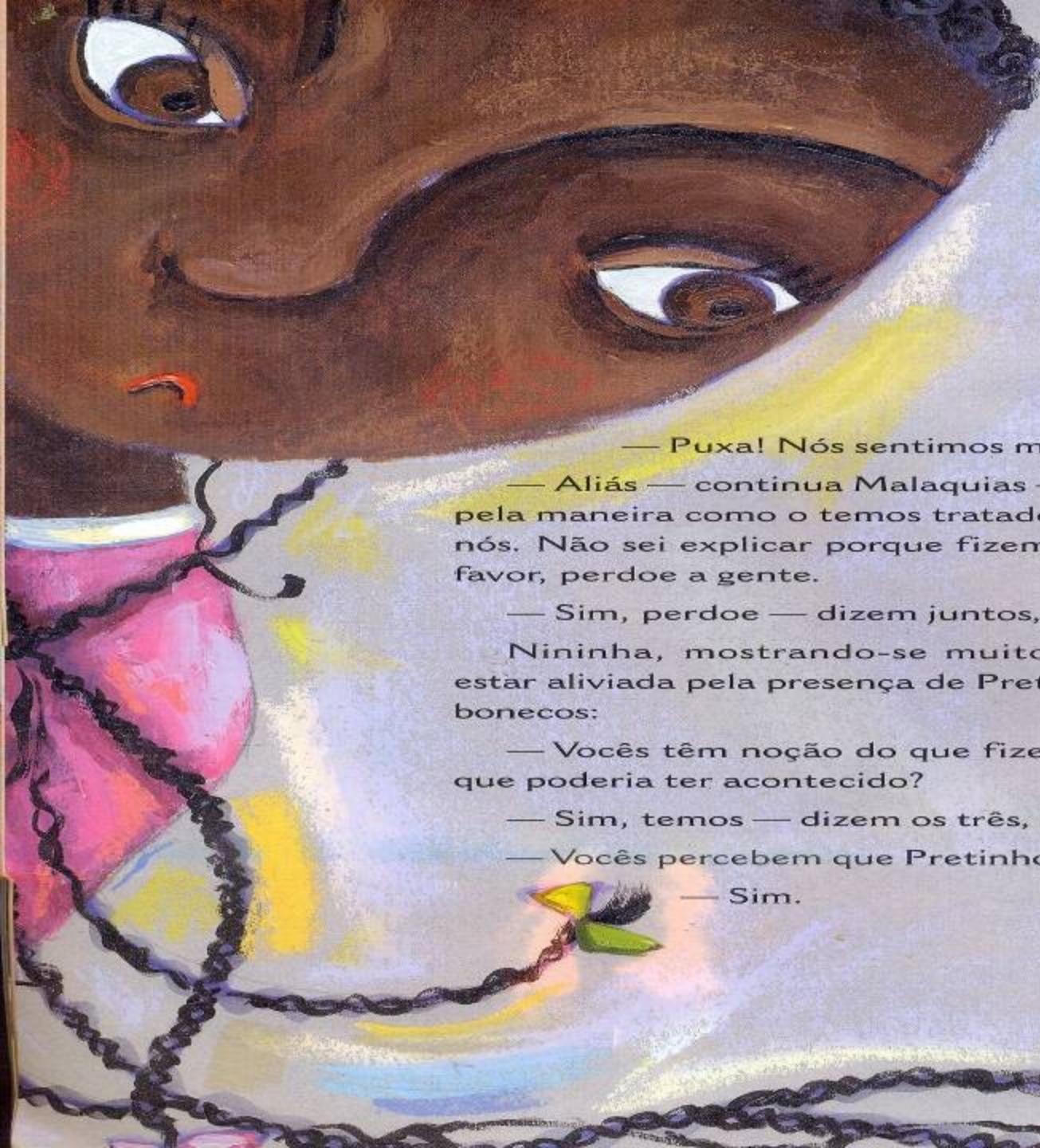
Nininha imediatamente abraça Pretinho.

— Oh! Meu boneco querido! Meu Pretinho... Meu amor!

Os outros bonecos começam também a abraçar Pretinho.







— Puxa! Nós sentimos muito — diz Fafá.

— Aliás — continua Malaquias —, nós sentimos muito pela maneira como o temos tratado. Você é boneco como nós. Não sei explicar porque fizemos isso. Não sei... Por favor, perdoe a gente.

— Sim, perdoe — dizem juntos, Fafá e Malandrinho.

Nininha, mostrando-se muito zangada, apesar de estar aliviada pela presença de Pretinho, pergunta para os bonecos:

— Vocês têm noção do que fizeram com Pretinho e o que poderia ter acontecido?

— Sim, temos — dizem os três, de cabeça baixa.

— Vocês percebem que Pretinho quase morreu?

— Sim.

— Vocês entendem a gravidade do que fizeram?

E mais uma vez os três respondem:

— Sim.

— E o que vocês merecem pelo que fizeram com Pretinho?

— Nós merecemos um grande castigo.

Pretinho interrompe e diz:

— Deixem disso, bonecos. Eu perdoo vocês!

Os três abraçam o boneco.

— Puxa, Pretinho. Muito obrigado!

— Eu fiquei com muita raiva! Estava com vontade de bater muito em cada um de vocês, por todas as vezes que me humilharam, mas... acho melhor sermos amigos!

Nininha continua a falar muito séria, com a testa franzida, mostrando ainda estar aborrecida.

— Muito bem! Meu pai diz que devemos arcar com as consequências das coisas que fazemos, mas, se o Pretinho perdoou... — e finalmente dá um ligeiro sorriso — eu também... — a menina não chega a terminar a frase, pois todos pulam em cima dela.

— Viva! Viva o Pretinho! Viva a Nininha!

Os bonecos estão fazendo uma grande algazarra quando Nininha lembra de algo muito importante.

— Nossa! Com essa confusão toda eu estava me esquecendo da surpresa.

— Surpresa? — pergunta Pretinho.



— Sim, uma linda surpresa! Depois da conversa que tivemos ontem, eu fiquei muito preocupada. E hoje, quando cheguei na escola, havia uma festa em homenagem ao Dia da Consciência Negra.

— Consciência negra? O que é isso?

— É um dia para lembrar a nossa história. A minha e a sua história, Pretinho. A história do negro no Brasil e a nossa luta, ainda hoje, contra o preconceito, a discriminação, e para vivermos em igualdade com as outras pessoas.

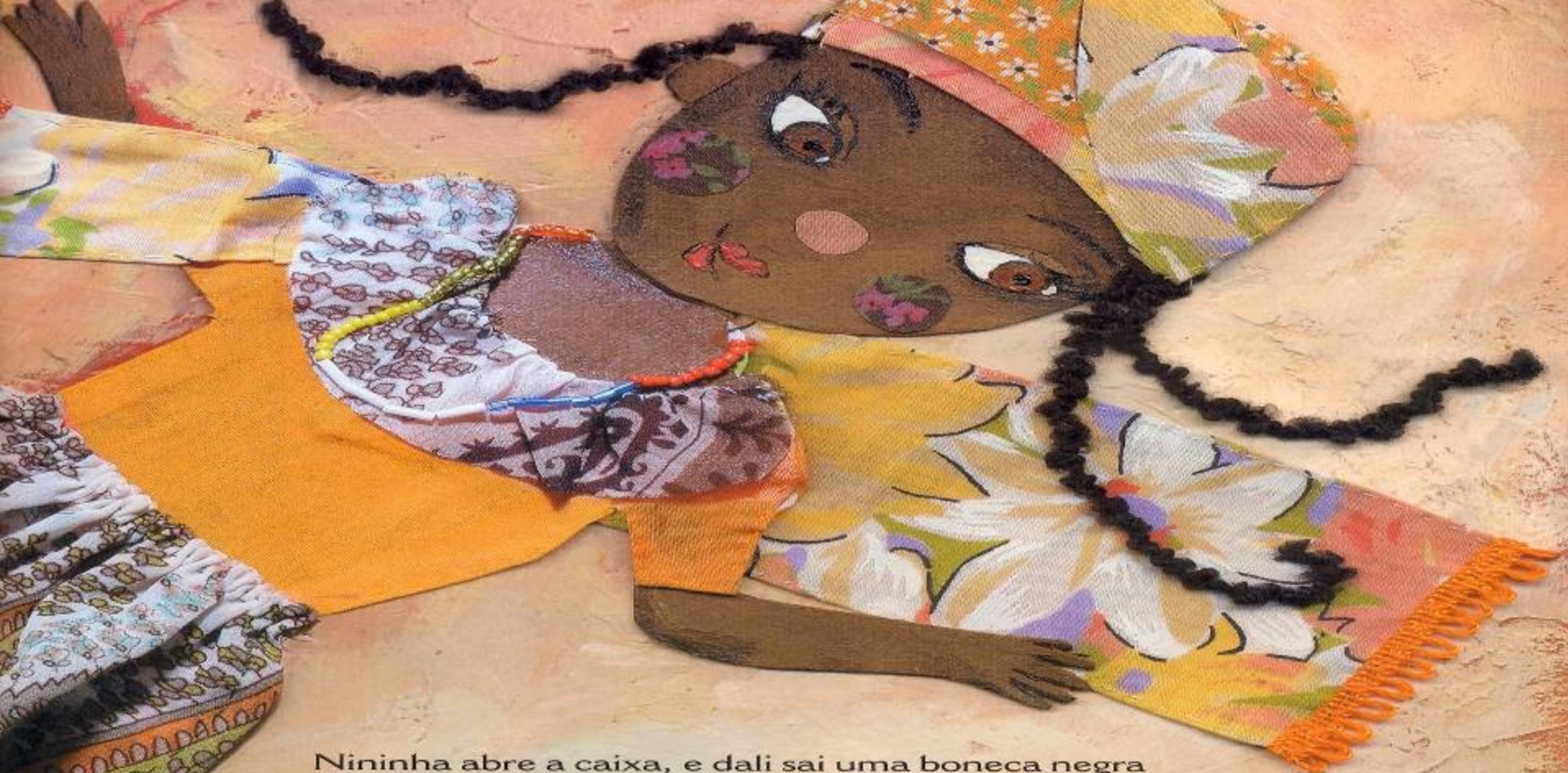
— E que dia é esse?

— Dia 20 de novembro. Atualmente esta é a data mais importante para os negros no Brasil. Foi o dia em que morreu Zumbi dos Palmares, em 1695.

— Quem? Zumbi de quê? — perguntam todos os bonecos ao mesmo tempo.

— Esperem! Sentem-se aqui perto de mim e ouçam. Meu professor me emprestou esta caixinha — mostra uma caixa não tão pequena, mas bastante diferente. — Prestem muita atenção! Vocês irão conhecer uma parte triste, mas importante da história do negro no Brasil.





Nininha abre a caixa, e dali sai uma boneca negra muito bonita, com uma roupa de panos coloridos. Seu nome é Zuzu, e ela logo passa a dizer:

*Salve, minha gente! Salve, meus irmãos!
Estou aqui para contar-lhes a história do meu povo.
De uma gente de fibra, da minha gente, meus irmãos.
De Zumbi, rei do Quilombo dos Palmares!*

Da caixa, outros bonecos com panos também coloridos saem e espalham-se pelo quarto, um após outro, e começam a falar...

*Quilombo era o lugar para onde os negros maltratados, que fugiam das fazendas, reuniam-se para viver em liberdade. O maior deles foi...
O Quilombo dos Palmares!*

Dizem todos os bonecos que já haviam saído da caixa. E depois cada boneco continua...

*Ficava na Serra da Barriga, onde, hoje, é o estado de Alagoas.
Durou mais de sessenta anos e chegou a ter cerca de vinte mil
negros, ali morando.*

O seu rei, o seu grande líder era Zumbi.

*Mas, dia após dia, mais escravos fugiam das fazendas e para lá
se dirigiam.*

Então o governo pediu a ajuda do exército para acabar com Zumbi.

*Foram muitas batalhas! Mas aos poucos... o Quilombo dos Palmares
foi sendo cercado. O exército invadiu e o quilombo incendiou, prendendo
e matando os negros que ali estavam.*

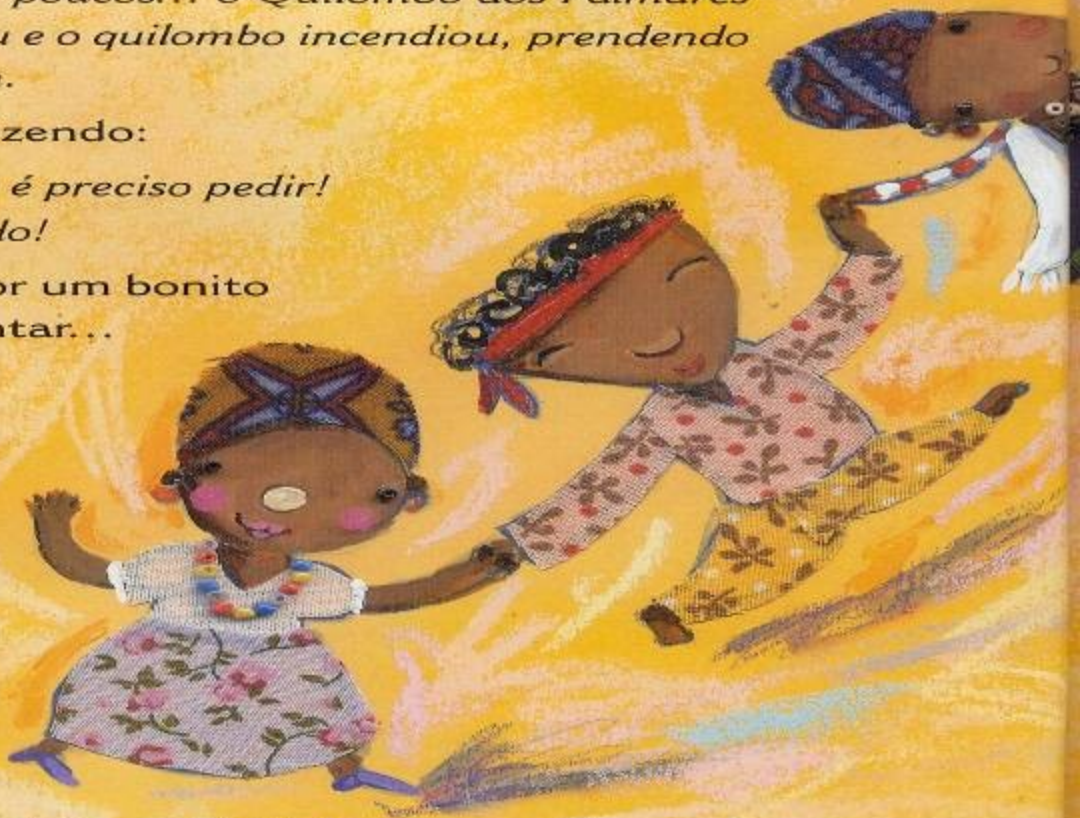
Zuzu, emocionada, termina dizendo:

Ao irmão negro daqui, o perdão é preciso pedir!

Irmão afro, o mundo diz obrigado!

*Em seguida, acompanhados por um bonito
batuque, os bonecos passam a cantar...*

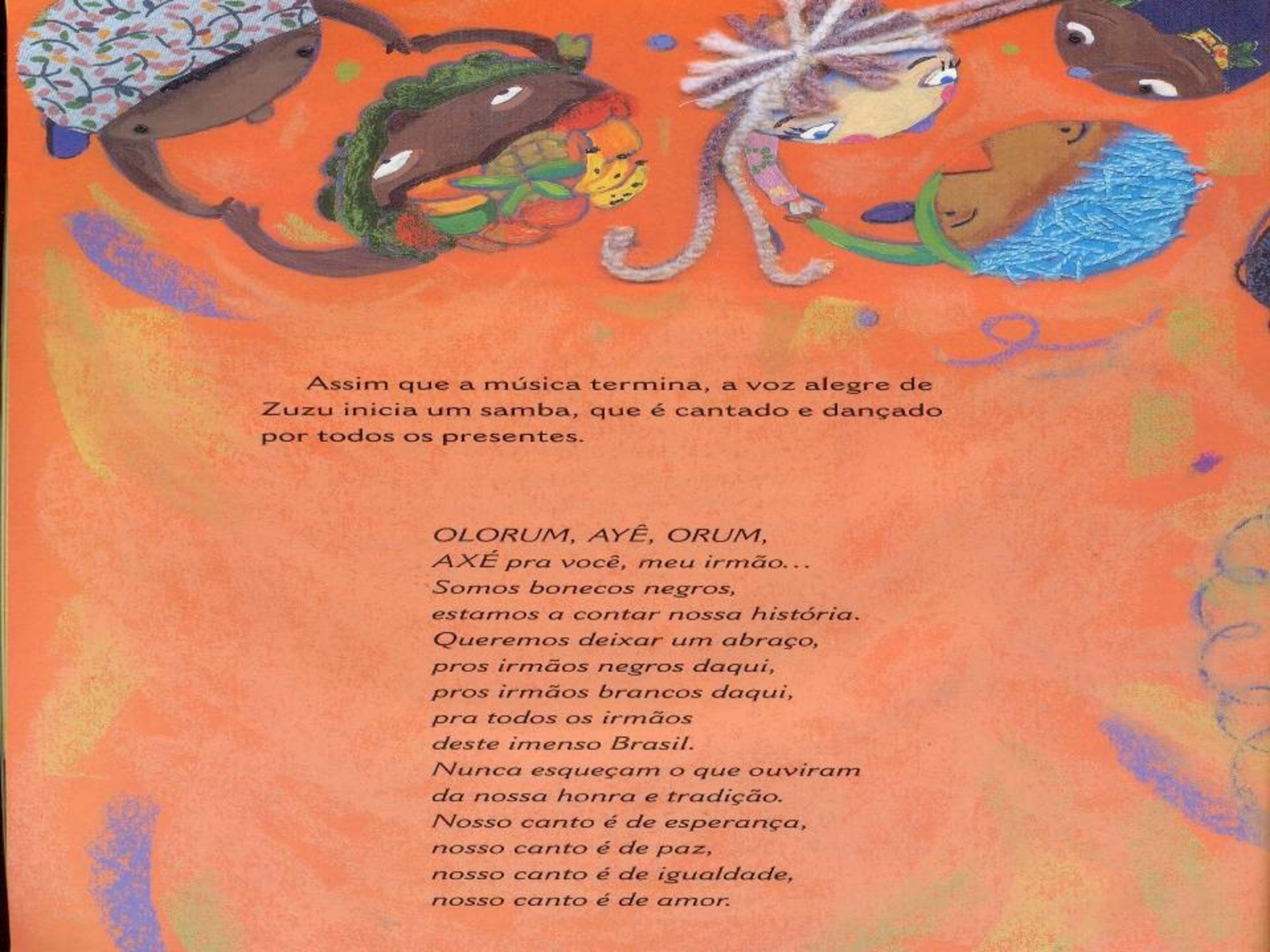
*Irmão negro daqui,
você é Brasil.
Irmão afro,
o mundo diz obrigado!*



Todos dançam, cantam e contam a sua história.



Da terra mãe arrancado,
o africano foi escravizado.
Como um animal selvagem, tratado,
pra muitos países, levado.
Pro Brasil foi enviado,
em senzalas, colocado.
No chicote, maltratado,
ao trabalho, obrigado.
Pra construção deste país,
deu o sangue e o coração.
Ao irmão negro daqui,
o perdão é preciso pedir.
Irmão negro daqui,
você é Brasil.
Irmão afro,
o mundo diz obrigado!
Pelo poder oprimido,
pros quilombos correu, decidido.
Com Zumbi, seu herói, lado a lado,
quase acabou dizimado.
Ao final, a liberdade,
acabou por conquistar.
Mas a tal da igualdade,
não chegou a alcançar.
Pra construção deste país,
deu o sangue e o coração.
Ao irmão negro daqui,
o perdão é preciso pedir.

The illustration at the top of the page depicts several stylized, abstract figures arranged in a circular pattern against a vibrant orange background. The figures are rendered in various colors and textures, including shades of brown, blue, green, and yellow. Some figures have long, flowing hair or limbs, while others have more solid, rounded forms. The overall style is reminiscent of mid-20th-century modernist art, with bold colors and simplified shapes. The figures appear to be in motion, possibly dancing or celebrating, which aligns with the text about a samba song.

Assim que a música termina, a voz alegre de Zuzu inicia um samba, que é cantado e dançado por todos os presentes.

*OLORUM, AYÊ, ORUM,
AXÊ pra você, meu irmão...
Somos bonecos negros,
estamos a contar nossa história.
Queremos deixar um abraço,
pros irmãos negros daqui,
pros irmãos brancos daqui,
pra todos os irmãos
deste imenso Brasil.
Nunca esqueçam o que ouviram
da nossa honra e tradição.
Nosso canto é de esperança,
nosso canto é de paz,
nosso canto é de igualdade,
nosso canto é de amor.*



A música contagia, o quarto de Nininha transforma-se em uma grande festa, e Pretinho, todo prosa, muito orgulhoso, dança com a boneca Zuzu.

Quando a festa termina, já é hora de dormir. Pretinho agradece Nininha e, para surpresa da menina, diz:

— Nininha, não me leve a mal, mas de hoje em diante eu quero ser chamado pelo meu nome, Carlos. Afinal, eu não sabia o quanto havíamos lutado para hoje sermos livres e nos tornarmos cidadãos.

— Muito bem, meu querido! — diz Nininha. — Você agora será sempre chamado pelo seu nome.

A menina dá-lhe um beijo e vai dormir.

Não é nem madrugada quando Nininha acorda assustada com um barulho. Levanta, acende a luz e vê Fafá, Malaquias e Malandrinho chorando, chorando que dá dó.

— Mas o que é isso? Carlos está bem, foi só um grande susto!

Os três, novamente, voltam a chorar.

— Chega! Chega! Eu já disse que está tudo bem!

— Eu sei... — fala Malandrinho.

— Então, o que está acontecendo? — pergunta Nininha.

— Nós queremos ser negros também.

— O quê? — pergunta Nininha. — Vocês não vão começar tudo outra vez! Escutem, prestem muita atenção. Eu amo vocês como são! Apesar da enorme bobagem que fizeram, eu continuo a amá-los! Minha mãe sempre diz que as pessoas são diferentes umas das outras e isso é muito bom. Já pensaram se todas as pessoas pensassem a mesma coisa, se vestissem iguais, gostassem das mesmas coisas, da mesma comida, tivessem a mesma cor, a mesma raça, fossem do mesmo sexo, torcessem pelo mesmo time de futebol, tivessem a mesma religião? O mundo seria muito sem graça, não seria?

Os três se entreolharam e riram.

— Para vivermos em paz, felizes e sermos amigos uns dos outros, precisamos aceitar a nós mesmos como somos, e precisamos aceitar, amar as outras pessoas como elas são!



E assim...

Se vocês visitarem Nininha, como eu, encontrarão todos os bonecos sentados, quietinhos, de mãos dadas, muito orgulhosos!

Ah! Ia me esquecendo... Adivinhem quem é o primeiro de todos os bonecos, com o peito estufado, sentado em cima de uma almofadinha, bem ao lado da Zuzu, aquela linda boneca africana que Nininha ganhou de presente do professor?

Muito bem... Já sabem quem é? Ao lado da Zuzu, todo apaixonado, está o nosso amigo Carlos com um grande sorriso maroto...

